

CDU 869.0(81) Oliveira Lima: 92

OLIVEIRA LIMA, DIPLOMATA DA "BELLE ÉPOQUE"

Manoel da Silveira Cardozo
*Curador da Oliveira Lima Library,
Catholic University of America,
Washington, DC.*

JN-00010059-8

Na terra que foi berço de Oliveira Lima, já lá vão 114 anos, onde a sua memória se preza e cultiva, onde a casa do seu nascimento e infância é patrimônio do Estado, a rua que a enfrenta lhe perpetua o nome, talvez pareça atrevimento meu, que sou de fora, falar de um homem que aqui viveu, aqui casou e aqui deixou a marca inconfundível da sua personalidade irrequieta.

Depois das páginas tão sensíveis e certas de Gilberto Freyre, que entre os vivos foi o que mais privou com Oliveira Lima, quem mais se tem dedicado a manter viva entre os seus conterrâneos a memória do ilustre pernambucano; depois do esforço admirável de Fernando da Cruz Gouveia, que em três grossos volumes traçou o perfil de Oliveira Lima com luxo de pormenor, o que fica por dizer é muito pouco.

No entanto, porque a força do destino também me tornou amigo de Oliveira Lima, vou tentar acrescentar qualquer coisa à sua biografia. Basear-me-ei na correspondência passiva de Oliveira Lima que se guarda na Universidade Católica da América em Washington. Desnecessário se torna dizer que Oliveira Lima doou a sua biblioteca à Universidade em 1916 (quando as peripécias da vida o obrigaram a passar quatro anos na sua casa de Parnamirim), e por testamento lhe deixou o seu riquíssimo arquivo. Se conseguir trazer alguma novidade, será precisamente por ter tido ao meu alcance o magnífico acervo de Washington.

Por outro lado, quero prevenir que vou falar de Oliveira Lima como "uomo universale" da Belle Époque, o brasileiro de mais "virtù", no sentido renascentista da palavra, daquele momento cintilante da história. Não tratarei das suas múltiplas ligações com Pernambuco, do exílio de Parnamirim que o governo britânico o obrigou a suportar por lhe ter embargado o seu regresso a Londres. Nem dos dissabores que sofreu, as desavenças, as desinteligências. Nem mesmo da bibliografia de Pernambuco, para a qual contribuiu brilhantemente. Tanto a fase pernambucana como a fase americana, ambas já no fim da vida, deixo-as para melhor ocasião. Quem quiser ter uma visão delas, aí estão as páginas magistrais de Mestre Freyre e a obra de grande erudição de Fernando da Cruz Gouveia.

No dizer do Padre José Caetano de Mesquita, que assim se exprimiu em 1768, a história deve-se escrever "nobrememente, prudentemente, puramente, e simplesmente". Se não sigo à letra estes sábios conselhos, foi por querer sentir-me, no retrato que vou elaborar, mais livre e sem peias, sem contudo tentar cobrir a verdade com o véu da fantasia. Lembrei-me tão-somente de focar alguns aspectos da atribulada vida de Oliveira Lima, o suficiente porventura para deixar ver como ele representou o seu papel, ouvir o que se dizia nos bastidores, e saber, quando baixou o pano, se a estréia naquele palco e naquela conjuntura era digna dos aplausos.

Humberto de Campos, que viu Oliveira Lima em 1919, evocou-o com um tique de maldade no momento em que o embaixador por excelência da intelectualidade brasileira entrara na última fase da sua vida. Já se encontrava aposentado da carreira diplomática que tanto honrou, o espírito permanecia altivo mas tanto quanto apagado pelos dissabores que sofrera, a saúde periclitante, calçando como sempre as botas de sete-léguas que o tinham levado à Europa inteira, desde Lisboa a Estocolmo, de Budapeste a Londres, a Viena de Áustria, a Karlsbad e Contrexéville, a Berlim e a Paris, de Madrid a Bruxelas; ao Japão, que alcançou pela rota de Suez; à Venezuela (que conheceu durante a ditadura de Cipriano Castro, que ainda estava longe de ser o país democrático que o Presidente Herrera Campins diz que já é), ao Uruguai, ao Paraguai, à Argentina; aos Estados Unidos de todos os quadrantes, em serviço do Itamarati, como estudioso das realidades estrangeiras que lhe serviam de tema para os trabalhos literários que saíam da sua incansável pena. Em 1919, a sua atuação como professor da Universidade Católica da América e conservador da sua grande biblioteca ainda se não tinha realizado, nem a conferência da Faculdade de Letras de Lisboa para inaugurar o curso de estudos brasileiros. Mas nessa altura já eram do passado as conferências da Sorbonne sobre a formação histórica do Brasil, as da Universidade de Stamford onde analisou a trajetória histórica das três Américas —, a brasileira, a

hispânica e a anglo-saxônica, mas sem os ressaibos do imperialismo castelhano de Julián Marías, e o semestre das suas lições na Harvard (do qual temos um diário revelante de Flora Cavalcanti de Albuquerque, sua mulher, em inglês, que é indício das estreitezas de uma vida de aulas e festas, do acanhamento do seu quarto do Copley Plaza Hotel, das estranhas atitudes dos seus colegas americanos perante a catastrófica guerra na Europa).

Humberto de Campos retratou este homem de fino viver e de fino trato como ele se lhe apresentou, com fama de grande diplomata, de historiador exímio dos fastos do Império, de jornalista que sabia dizer, nas palavras agudas de Salvador de Mendonça, "muito desaforo com muito *jeito*" (2497), de membro fundador da Academia Brasileira de Letras na época em que a ilustrava o querido Machado de Assis. Se Humberto de Campos se aproveitou de um tique de maldade para nos dar uma idéia do desmedido físico do biografado, acabou por vislumbrar em justas palavras o homem extraordinário que ficava por detrás da fachada de gordura.

"De altura acima do commum, era Oliveira Lima verdadeiramente monstruoso pela gordura. O rosto, enorme e oval, era continuado, em baixo, por uma papada, um amplo lençol de gordura, que quase o duplicava, cobrindo-lhe a parte superior da abertura da camisa. Ornando esse rosto claro, uns olhos grandes e saltados, e a bocca polpuda, de sobre a qual desciam as duas guias do bigode cerdoso e negro. . . .

"O que mais impressionava nelle era . . . a obesidade . . . Devia pesar 110 ou 120 kilos. Toda essa gordura parecia, porém, desaparecer, tornando-se imponderavel, quando elle se movia ou fallava. O espirito era, nelle, uma especie de energia electrica mobilizando um couraçado".

Outro foi o elogio que Austregésilo lhe fez na Câmara dos Deputados logo depois da morte de Oliveira Lima em 1928. "A sua vida foi uma trajetoria sem tortuosidades, linha recta, rasgo luminoso, alguma coisa acima de horizontal da fórmula humana". Era o "enthusiasta do ideal" que "tinha a obsessão do Brasil". "O illustre extinto fôra diplomata, não o diplomata de salamaleques, de posições, de attitudes reservadas, mas o diplomata aberto, franco e estudioso... " "Era inquebrantável e, mesmo na qualidade de Ministro, sempre teve a coragem de dizer a sua opinião clara e severamente, sem lisonja ou hyprocrisia — o que fez desgostar, pela primeira vez, o grande Rio-Branco, de quem divergiu. Dahi talvez haver interrompido a carreira ascendente que deveria ter, dado o brilho inconfundível que emprestava aos cargos que exercia". ". . . nos últimos momentos, já sem aquella força, sem o fulgor vital que nós todos conhecemos antes; abatido, tristonho, sceptico, indifferente quasi à vida, nas suas palestras amisto-

sas — eu fui triste testemunha dellas — sempre mostrava a saudade, o desejo, o íntimo impulso de gozar ainda o sol do Brazil, o grande médico para o seu corpo, o infinito médico para a sua alma”.

O apogeu de Oliveira Lima foi vivido dentro e fora do Brasil durante a Belle Époque, que correspondeu nos fastos da República Velha ao período mais brilhante. Foi a época dos barões do café, dos expatriados paulistas em França, do Eduardo Prado que era amigo de Eça de Queiroz e lhe freqüentava a casa em Neuilly-sur-Seine, do Santos Dumont (que de resto nunca foi das relações de Oliveira Lima) com a sua mania da navegação aérea, digno sucessor do Padre Bartolomeu de Gusmão que na corte de D. João V falava de passarolas, e que nos céus de Paris andava de balão como quem anda de automóvel, inventando independentemente dos irmãos Wright e à luz da publicidade, um aparelho que à força de propulsão mecânica levantou vôo e foi, quase sem ninguém dar por isso, o antecessor das luxuosas aeronaves dos nossos dias.

Monopolizando o poder e as energias criadoras da Nação, foi o Rio de Janeiro que mais fulgurante papel desempenhou na Belle Époque. O ponto de reunião dos homens de estado, dos comilões que freqüentavam os restaurantes da Rua de S. José que descaradamente iam ao encontro da gula, como o nosso Oliveira Lima e como Juca Paranhos, que também foi alvo de piadas, dirigidas a quem não se sentia com a obrigação de fazer regime. Euclides da Cunha, que morreu fulminado pela bala do amante da mulher, perguntou uma vez a Salvador de Mendonça, que cordialmente aborrecia o Rio Branco, se não achava alta a esfera do chanceler. “Prinçipalmente a da barriga”, respondeu o antigo ministro em Washington (2018).

Para Oliveira Lima (e tantos outros) só se passava bem no Hotel dos Estrangeiros, que eu ainda alcancei, mas fechado, sem os lustres, prestes a ser demolido, para se construir no lugar dele o prédio incaracterístico que deve render muito mais aos donos. Para alguns, como para o Barão do Rio Branco, era Petrópolis, que então se assemelhava, nas palavras de João do Rio, ao tombadilho de navio com paisagens.

Foi o Rio de Janeiro o berço de uns, sepultura de outros, de Machado de Assis, a quem Oliveira Lima prestou homenagem póstuma num livrinho cheio de carinho que Coelho Neto achava que revolia “saudades da meiga e singela alma solitária, o homem refugido, que sempre vivia à sombra espiando a vida, escutando-lhe os rumores, sem nunca ousar affrontar-se com o tumulto” (2275). Terra da eleição de Joaquim Nabuco, para onde D. Evelina se refugiou depois da morte do marido em Washington, e onde D. Carolina Nabuco teve a casa da sua residência. De Euclides da Cunha, de Olavo Bilac. A única sede possível da Aca-

demia Brasileira de Letras. Do Rui Barbosa, que do triunfo de Haia encontrou no Rio de Janeiro a derrota do civilismo. Terra adotiva de Antônio Prado, do Dr. Pereira Passos, que quiseram transformar o Rio de Janeiro do acanhamento em que a República o encontrara na cidade arejada que hoje é. Terra também de Oswaldo Cruz e da luta contra a febre amarela. De Assis Brasil, o mulato cor-de-rosa que Oliveira Lima detestava (e era nisto correspondido). De Pinheiro Machado, que do alto da tribuna do Senado ralhava contra os tópicos sentimentos monárquicos de Oliveira Lima (que começara a carreira envergando a toga de Republicano, se não histórico, como os de S. Paulo, pelo menos convicto) e o obrigou a pedir a aposentadoria quando o Senado lhe negou a embaixada de Londres. Pobre Pinheiro Machado, que nunca se lembrou, nas palavras do poeta, que os nossos começos ignoram os nossos fins, e que pouco depois, encontraria a morte, traiçoeira, quando menos a esperava, no Hotel dos Estrangeiros.

A Belle Époque, que forneceu a Oliveira Lima o grande palco para a sua obra, trouxe a Europa em peso ao Brasil, num renovado interesse pelos trópicos (que hoje Lévy-Strauss encara com outros olhos, e que os meus colegas norteamericanos, pseudobrasilianistas quase todos eles, teimam em ver com lupas que só lhes aumenta os defeitos). Foi a época da "batalha pelo triumpho do ideal Latino, no velho e no novo mundo", como dizia Gofredo de Escagnolle Taunay a Oliveira Lima em 1909, e na qual se alistou Oliveira Lima, tratando sempre de estreitar laços de amizade entre o Brasil e os países hispano-americanos e de chamar a atenção dos que, seguindo as pistas de Rio Branco e de Nabuco, ignoravam os perigos de uma maior aproximação com os Estados Unidos. Foi a época da Eleanora Duse, da Sara Bernhardt, estrelas de fama internacional que deliciavam as platéias do Rio de Janeiro; das conferências de Paul Doumer, presidente do Senado de França, do Anatole France, de Guglielmo Ferrero, dos professores Dumas e Richet, propagandistas da União Escolar Franco-Paulista. Inaugurou-se uma exposição no Rio de Janeiro para comemorar o centenário da abertura dos portos, em 1908, que teria tido a presença dos reis de Portugal se a tragédia do Terreiro do Paço não tivesse acontecido.

Nos dois lados do Atlântico, conferências e banquetes, beberetes, passeios, tanto esforço, tanto entusiasmo para promover, em face do progresso deslumbrante da Alemanha e dos países que Charles de Gaulle teimava em chamar anglo-saxônicos, o ideal latino que devia irmanar a Europa que foi embalada no regaço de Roma e os países neolatinos do Novo Mundo que foram descobertos por um genovês e batizado por um toscano. (Idéia que ressuscitou agora, num seminário da Fundação Joaquim Nabuco, mas que, na nova modalidade apregoada, excluiria a França e colocaria Castela no lugar dela). Coincidiu o ponto de fervura com as parvoíces do argentino Manuel Ugarte, propaladas na conferência que fez na Sorbonne em 1911 (talvez com o propósito de superar o êxito alcançado

por Oliveira Lima nessa mesma tribuna), quando teve a ousadia, nas palavras de Tomás Lopes que a ouviu, de "dividir a América em duas partes: a do Norte, de língua inglesa; e a do Sul, — onde todos falamos hespanhol — o Dario Galvão ao lado; e a sala cheia de brasileiros. Nem uma vez se referiu ao Brasil, apesar de se ter referido a quase todos os paizes da América. Para elle o Brasil não existe no continente. E disse que é de Buenos Aires que vem a civilização intellectual para todos os paizes da America, — para os grandes como para os pequenos" (2627-8, ver 2699).

Deixo para outros as facetas menos galantes da Belle Époque, para Florestan Fernandes a preocupação ideológica dos que nunca experimentaram a "douceur de vivre", a D. Helder Câmara os ensinamentos da Teologia de Libertação para que se saiba hoje o que se sofreu ontem. Apenas me toca dizer que Oliveira Lima, longe de ser mero espectador, era participante ativo, o mais intellectual e controverso das pessoas ligadas à diplomacia e à sociedade do seu tempo.

Manuel de Oliveira Lima nasceu no Recife no dia de Natal de 1867. Era filho de Luís de Oliveira Lima, que emigrara dos arredores do Porto e fez fortuna em Pernambuco, e de Maria Benedita de Miranda, natural do Recife. Já no fim da vida, nas cartas ao filho diplomata, assinava-se "esta tua feia velha", e feia de fato era. Pintou-lhe o retrato Clumbano, pequenina, resignada, assustadiça, recatada, modesta. As cartas dela, cheias de sentimentos religiosos e comezinhos, eram escritas numa ortografia que faz lembrar a de minha mãe. Encomendava-o a Nossa Senhora e rezava sempre por ele, mandando-lhe medalhas milagrosas para o proteger do mal. Oliveira Lima acabou a vida no seio da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, mas nunca parece ter sido muito devoto. (D. Flora era, de Santo Antônio e dos Franciscanos). Começou por ser católico histórico, como todos nós, para no fim da vida se tornar praticante. Oscar de Araújo, autor de *L'idée républicaine au Brésil*, acreditava em 1885 que o jovem amigo de 18 anos de idade fosse "discípulo de Comte" (139). Creio que se enganava. Nunca tomou a sério o positivismo de Teófilo Braga, seu professor do Curso Superior de Letras de Lisboa, e muito menos o de Teixeira Mendes, do Apostolado Positivista do Rio de Janeiro, o pontifex maximus, por assim dizer, da religião que mais facilmente se ajustava ao desinteresse pela metafísica da Belle Époque do Rio de Janeiro, ou do seu malfadado amigo e colega, Gabriel Piza, que seguia os mandamentos da Religião da Humanidade à letra.

O pai de Oliveira Lima foi chefe de família à antiga portuguesa, e a fotografia que temos dele, que Columbano se serviu para o retratar, é de homem sadio,

espadaúdo, de súfças, traços marcádos e fortes, tipo perfeito de burguês do seu tempo. No Brasil tinha um cunhado desembargador e em Portugal a mana Carlota Augusta, de profissão costureira de aldeia, que alcançou, numa terra escondida das entranhas do Minho, a idade de 95 anos. Tal era o apego às tradições familiares que Oliveira Lima e a mana Sinhá, mulher de Pedro de Araújo Beltrão, que foi ministro em Madrid, nunca lhe faltaram com a mesada.

Por motivos de saúde, resolveu Luís de Oliveira Lima levar a família do sobrado que possuía na atual Avenida Oliveira Lima, onde o futuro diplomata passou os primeiros anos de vida, para uma casa alugada no bairro da Estrela em Lisboa, perto da basílica e do jardim do mesmo nome. Luís de Oliveira Lima viveu até morrer dos seus rendimentos. Enquanto ao filho querido, este, apesar das suas raízes portuguesas e dos largos anos de Portugal, passou a vida a suspirar pelo Brasil, que só aos 23 anos voltaria a conhecer. Em Lisboa fazia quando possível vida de brasileiro. Comida à brasileira em casa, quando calhava. Frutas brasileiras que vinham de encomenda. Filiou-se à Sociedade Brasileira de Beneficência, fundou ainda jovem o *Correio do Brasil*, que foi a sua primeira aventura no jornalismo (sendo a última as correspondências para *La Prensa* de Buenos Aires). Formou-se pelo Curso Superior de Letras, precursor da atual Faculdade, onde teve por mestres a Teófilo Braga, a Consiglieri Pedro, a Oliveira Martins. (Não teria sido o conflituoso açoriano, que chegou a ser presidente da república, um Sílvio Romero mais ilustre e mais realizado? Não lhe poderíamos aplicar as palavras que José Veríssimo, em carta a Oliveira Lima de 1911, aplicou a Sílvio Romero, que "como historiador da nossa literatura e historiador, sem trocadilho, de tanto volume, elle não trouxe nenhuma noção nova, limitando-se a repetir, com o seu impagável scientificismo a mais, os que o antecederam e a descompol-os ainda por cima"? (2584) Oliveira Lima, para lá voltou em 1923, como veterano da casa que era, para a conferência da Faculdade de Letras, com apresentação de Manuel Múrias. Os pais, já há muito desaparecidos, ficaram para sempre em Lisboa, no jazigo de família que Oliveira Lima mandou fazer no Cemitério dos Prazeres.

Oliveira Lima estava em Portugal, morando com os pais, quando D. Pedro II, no ano aziago de 1889, a caminho do exílio de França e da morte que o iria surpreender em Paris, desembarcou em Lisboa. Oliveira Lima rememora toda a sua mágoa e pesar nas suas *Memórias*. O venerável monarca foi recebido friamente pelo sobrinho, que era rei de Portugal, ficou hospedado, porque assim o quis, no Hotel Bragança, enterrou a Imperatriz, que pouco sobreviveu o fim da monarquia, e seguiu de comboio para Madrid e Paris, onde, na capital francesa, que ele já de sobejo conhecia, as sessões do Instituto de França o chamavam. A Infanta Eulália de Espanha não queria que o Imperador fosse para um hotel de passe (onde pouco depois morria). Ofereceu-lhe o seu palácio enquanto demoravam as

obras no Castelo d' Eu, mas D. Pedro não aceitou. Em 1910, nos festejos do centenário da independência da Argentina, esta mesma Infanta de Espanha, que engordara opulentamente com o decorrer da boa vida, foi aclamada delirantemente pelo povo de Buenos Aires, sem a classe do do Rio de Janeiro, que dava vivas à *Elefanta Eulália*.

A vida pública de Oliveira Lima começa com a república velha e quase que acaba com ela. Identificou-se por completo com o novo estado de coisas. Em 1896 dizia-lhe Joaquim Nabuco que "a República é a liquidação nacional". Os republicanos atribuíam a "decadência irremediável" à raça. Nabuco achava que as instituições também influam na vida coletiva, "a monarquia como freio e a república como impulsor" (449), Oliveira Lima manteve-se à margem do saudosismo. Ofereceu um jantar a D. Luís de Orléans e Bragança quando era Ministro Plenipotenciário em Bruxelas e lembrou através das colunas de *O Estado de S. Paulo* a necessidade de abolir a lei que mantinha os descendentes da Princesa Imperial no desterro, mas não o fez com intuítos políticos. Com a Primeira Guerra Mundial, que liquidou para sempre a autêntica realeza da Europa, a simpatia que sentia pela solução monárquica no Brasil começou a esmorecer. O Dr. Metz, amigo de Oliveira Lima, saiu de "Fernbrook", em Lenox, estado de Massachusetts, para tentar fortalecer o movimento monárquico no Brasil, mas não sei até que ponto o nosso Oliveira Lima andou metido nisso.

Oliveira Lima entrou para o serviço da República como adido da legação do Brasil em Lisboa. Quando recebeu a notícia da sua nomeação, D. Maria Benedita pediu ao filho que desse "todos os dias graças a Deus por tantas felicidades". O que era preciso agora era pôr de parte as imprudências e malcriações, que só eram toleráveis, como ele dizia, numa velha (267). As felicidades de Oliveira Lima eram, de fato, duplas, a primeira a sua entrada para o serviço diplomático. A segunda, o seu casamento com Flora Cavalcanti de Albuquerque, de antigas famílias pernambucanas, que coincidiu com o emprego e o ordenado certo. Casaram por procuração em Pernambuco e pela Igreja em Lisboa, tendo recebido a bênção papal por telegrama do Cardeal Rampolla, o mesmo que teria sido papa se a Áustria, no exercício da tradicional regalia, não lhe tivesse embargado a eleição. Era D. Flora o primeiro rebento dos 13 que tiveram Manuel Cavalcanti de Albuquerque e de D. Henriqueta da Silveira Lins, aparentada com os Barões de Utinga, com o Cardeal Arcoverde, o primeiro príncipe da Igreja na América Latina, e com a Condessa de Pereira Carneiro, do *Jornal do Brasil*.

As "imprudências" teriam sido as intrigas dos amigos que se aproveitavam da queda da monarquia no Brasil e do ultimato inglês para se manifestarem a favor da república em Portugal, e com quem o filho se teria mostrado solidário. Por esta ou por outra qualquer razão, foi Oliveira Lima declarado *persona non*

grata pelo governo de Sua Majestade Fidelíssima, e o Ministério das Relações Exteriores removeu-o para Berlim, onde foi auxiliar exemplar do Barão de Itajubá, o mesmo que mais tarde abandonou o posto por lhe terem proibido o uso do título. Remover Oliveira Lima de um posto para outro não acarretava desarranjos familiares insuperáveis, já que nunca teve filhos. Tivera, sim, afilhados, e não estou em condições de os identificar todos. Foi padrinho de uma filha de Max Fleiuss, durante anos a alma do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e D. Flora, na viuvez de Washington, madrinha da filha da sua cozinheira portuguesa, a dedicada Djanira, em cuja casa acabou a vida em 1940. Em São Paulo recebeu o nome de Flora a filha do Professor Antônio Soares Amora e de sua mulher D. Helena de Figueiredo, em homenagem à amizade que unia as duas famílias, a do casal Oliveira Lima e a do Dr. Fidelino de Figueiredo, o célebre escritor português, que foi professor da Universidade de São Paulo.

Não é fácil traçar as facetas todas da vida de tão variados interesses. Como homem de letras, publicou importantes trabalhos de História, sobre literatura colonial, sobre Pernambuco, mas principalmente sobre a época de D. João VI, a elaboração da independência e o Império. É autor de uma *História da Civilização*, editada em São Paulo, e de trabalhos sobre a querela da sucessão em Portugal. As suas conferências sobre a formação histórica do Brasil apareceram em francês, português e castelhano, além de terem aparecido na íntegra traduzidas para o português em *O Estado de S. Paulo*. As suas conferências da Universidade de Stamford, onde Gilberto Freyre foi meu professor de história do Brasil em 1931, apareceram em inglês a cargo do Professor Percy Alvin Martin, com quem me doutorei, e ultimamente em segunda edição, para não falar da edição que Rufino Blanco-Fombona preparou para os países de fala castelhana. O seu *D. João VI no Brasil*, em dois volumes, que Capistrano de Abreu não soube apreciar, coincidiu com as comemorações do centenário da abertura dos portos. Teve uma edição moderna, em quatro volumes, feita por Octávio Tarquínio de Sousa que reputava o trabalho a obra mestra de Oliveira Lima e o seu autor talvez o maior historiador do Brasil. Em belas letras, escreveu uma peça para o teatro, *Secretário del-Rei*, sendo Alexandre de Gusmão o seu protagonista. A peça nunca se representou, apesar dos esforços que se fizeram em vida de Oliveira Lima. Lembrei ao Embaixador Wladimir Murтинho, que dirige a Fundação Alexandre de Gusmão do Ministério das Relações Exteriores, que tinha chegado o momento oportuno de salvar do olvido do tempo a única obra propriamente beletrística de Oliveira Lima.

A vida de Oliveira Lima como jornalista, cronista de coisas nacionais e estrangeiras, merece atenção especial que aqui não terá. Eu organizei, e Gilberto Freyre prefaciou, as impressões da América Hispanofone que Oliveira Lima primeiro publicou em diversos jornais e revistas e que em forma de livro apare-

ceram na coleção *Documentos Brasileiros* da casa editora José Olympio. Também me reporto à coletânea dos seus estudos literários, tirados de jornais brasileiros, que a Academia Brasileira de Letras publicou em 1975, com uma introdução de Barbosa Lima Sobrinho. Na sua mocidade, colaborou no *Reporter* de Oliveira Martins, fundou, como já se disse, o *Correio do Brasil* de Lisboa. Ainda de Lisboa escreveu para o *Diário de Pernambuco*. Tornou-se correspondente anônimo do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, anônimo porque não queria perturbar a vida dos seus superiores do Ministério das Relações Exteriores. Colaborou na *Revista Brasileira* e tantas outras, no Brasil e no estrangeiro. O *Estado de São Paulo*, na época em que Júlio de Mesquita o dirigia, publicou-lhe as crônicas, de 1904 a 1923. No fim da vida, como também já se disse, escrevia para *La Prensa* de Buenos Aires.

Na diplomacia exerceu Oliveira Lima os postos mais variados, sem contudo serem os de maior prestígio, ou ter chegado ele ao cume da carreira. De Berlim foi removido para Washington, servindo sob Salvador de Mendonça, que sempre o estimou. "O Sr. 1o. Secretário Oliveira Lima", segundo reza o informe de 1898 do pessoal da Legação e do consulado para o Ministério, "às altas qualidades, que me coube assinalar anteriormente, reúne tamanha madureza de espírito, claro discernimento e calmo bom senso, que é lícito prever-lhe brilhante carreira no serviço da República" (559)

Em Washington, Oliveira Lima também trabalhou com Assis Brasil, com quem teve sérias desavenças, provocando queixas ao Ministério e a solução geral do Visconde de Cabo Frio, que era remover as senhoras. O incidente trouxe-lhe uma censura e transferência para Londres, onde com a morte de Artur de Sousa Correia em 1900, íntimo do Príncipe de Gales e da alta roda inglesa, passou a ser encarregado de negócios. Quando o tempo lhe sobrava, trabalhava no Museu Britânico, consultando e inventariando os papéis referentes ao Brasil, (No campo da história, Oliveira Lima nunca foi amador, como o General Abreu e Lima, que de repente está na moda, e sempre escreveu as suas obras sérias sem partidarismos ideológicos). A hora do chá, passava-a na convivência de Joaquim Nabuco, ministro em missão especial para tratar da questão de fronteiras com a Guiana Inglesa, Graça Aranha e Eduardo Prado (610). (Oliveira Lima deveria ter dito a D. Veridiana Prado, quando a visitou em São Paulo em 1907, da grande admiração que sempre teve pelo filho. Conheceu-o pelo menos em 1887 e manteve relações de amizade com ele até a sua morte. Em 1895 Eduardo Prado ofereceu-lhe um exemplar da sua *Ilusão Americana* (429). Era o amor do Brasil e as mesmas idéias antigringas que os irmanavam. A última carta de Eduardo Prado é de Lisboa, de 31 de Janeiro de 1906.—"Mando-lhe hoje pelo correio um *Peregrino da América* de Nuno Marques Pereira que aqui descobri. Fica assim compensado V. pelo outro exemplar em cuja compra me antecipei no Chadenat,

há tempos" (657). Na Inglaterra, representou Oliveira Lima o seu país nos imponentes funerais da Rainha Vitória, que reuniu a realeza da Europa inteira neste fim de festa monárquica. Adorava Londres e Londres teria sido a cidade da sua preferência para passar a vida de aposentado.

A vida errante da diplomacia levou-o depois para Tóquio onde previu a derrota dos Russos em Porto Artur. Foi recebido pelos imperadores que lhe ofereceram um leque de marfim com encrustações de madre-pérola. Conheceu Wenceslau de Moraes, o português da *Arte do Chá* que acabou por se japonizar, ao contrário de Basil Hall Chamberlain, também das relações de Oliveira Lima, que por pouco abandonava o Ocidente pela beleza de um boião japonês. De Tóquio transitou no seu devido tempo, por "sendas varicas", como no romance castelhano, para Caracas, sem nunca ter podido exercer o cargo no Peru que o Barão lhe destinara. A sua missão peruana, como ele dizia, passou-a no Rio de Janeiro. Achou Caracas acanhada, desprovida de esgotos e sem luz elétrica, sem os encantos e o conforto e sem a vida intelectual do Rio de Janeiro. Conheceu o presidente Cipriano Castro, que chegou a admirar por se ter mantido firme perante as ameaças do Presidente Theodore Roosevelt; deu saída ao Ministro de França da situação aflitiva em que ele se achava; manteve boas relações com o General Alejandro Ybarra, ministro dos negócios estrangeiros. Participou da vida intelectual. Tornou-se íntimo de Ángel César Rivas, de Rufino Blanco-Fombona. Recebeu a condecoração da praxe, remessas de charutos de Havana e garrafas de água de Búfalo dos Estados Unidos. Quando cumpriu à letra as suas instruções, pediu licença para tratar da saúde, e abalou. Apetecia-lhe agora uma legação na Europa, de preferência Berlim ou Londres. O Barão deu-lhe antes a legação de Bruxelas, cedendo a pressões exercidas pela presidência da República, e mais tarde acrescentou-lhe a de Estocolmo. As desinteligências remontavam a 1903, e tão ultrajado se sentiu Oliveira Lima no prosseguimento da sua carreira, que o Barão lhe embargava à medida do possível, que escreveu "a história do grande e prepotente mandrião", como o cunhado, Pedro de Araújo Beltrão, o chamava (1187). O rascunho da tal história encontra-se entre os papéis de Oliveira Lima na Universidade Católica da América. Quem o salvou das mal-querenças foi o presidente Afonso Pena, a quem Oliveira Lima, não podendo superar a má-vontade do seu destemido superior, dirigiu o ofício de 10 de junho de 1907, que passo agora a transcrever.

"Achando-me, em janeiro de 1903, à testa da nossa Legação no Japão quando o Sr. Barão do Rio Branco, recém-nomeado Ministro das Relações Exteriores, entendeu chamar-me a participar nas negociações relativas ao Acre, que se iam tratar com a Bolívia e o Perú para onde o gov.^o do Sñr. Dr. Campos Salles me promovêra. Tendo deixado Tokio a 6 de Março, cheguei ao Rio a 27 de Junho, dia immediato ao da chegada dos meus collegas (Srês. Guachalla e Assis Brazil), convocados para o mesmo fim.

"Provavelmente porque preferiu separar as negociações com aquelles dous países e começar por tratar com a Bolívia — engano diplomatico na minha opinião, que não variou e que tive a sinceridade de então expôr a S. Ex.a — o S.º Barão do Rio Branco, sem explicação alguma, deixou-me ocioso no Rio quinze longos mezes, apesar de haver eu solicitado por escripto bem antes do tratado de Petropolis a 26 de Agosto de 1903, sem ter porem obtido resposta, as minhas instrucções afim de poder seguir a tomar conta do meu posto em Lima.

"Em Setembro de 1904 convidou-me S. Ex.a e instou pra que eu accettasse uma missão temporaria em Venezuela, Legação de Ministro Residente, com o objecto de procurar liquidar nossa questão de limites, parada desde 1884. A questão ficou plenamente resolvida, de *absoluto accôrdo* com as pretensões do nosso Governo e sem a menor concessão de qualquer genero, da nossa parte, pelos protocollos que tive a honra de assignar em Caracas a 9 de Dezembro de 1905. Foi-me comtudo mister abrir as negociações por iniciativa propria, jamais tendo recebido as instrucções do Ministerio a respeito, oficialmente annunciadas em differentes despachos para Pernambuco, para Londres e para Caracas, nem sequer o historico da questão que o fallecido director geral da Secretaria, s.º Visconde de Cabo Frio, elaborou para supprir a falta do archivo da nossa Legação em Venezuela, o qual se encontra no Rio de Janeiro desde a sua ultima e passageira supressão.

"Em Fevereiro de 1906 offereceu-me S. Ex. a em recompensa a Legação no Mexico, que não accetttei por ser uma verdadeira sinecura, quando possúo vigor, intelligencia e capacidade de trabalho que julgo merecem melhor aproveitamento. Pedi então a licença que agora expira para tratar da minha saude, o que fiz na Europa, e concluir, o que fiz em Pernambuco, um trabalho historico de grandes proporções, com a elaboração do qual busquei preencher minha forçada inacção diplomatica, cujo termo solicito da reconhecida justiça de Vossa Excelencia" (1329).

Oliveira Lima deveu a Afonso Pena a sua nomeação para Bruxelas, agora como Enviador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto de Leopoldo II (a cujos funerais ele assistiu), a que se lhe acrescentou mais tarde, como já se disse, a representação diplomática na Suécia. Foram os anos da Bélgica os mais bellos da sua carreira, os das conferências da Sorbonne, do concerto de música brasileira patrocinado e pego por ele em Bruxelas, da estréia que ele arranjou da jovem pianista Guiomar Novais, das visitas a Harold Temperley, principal da Peter House em Cambridge, da convivência com D. Luís de Orléans e Bragança e sua mulher. Era mais o curso de Português que ele ajudou a fundar em Lovaina, intervindo para esse fim junto do Cardeal Mercier. Eram as conferências que fa-

zia sobre o Brasil, os artigos que escrevia para *L'Indépendance Belge*, os congressos internacionais que assistia, a propaganda insistente à favor da língua portuguesa, obrigando, com a ajuda da Argentina, a colocar o português em pé de igualdade com o castelhano, o francês, o italiano, e alemão e o Inglês nos Congressos dos Americanistas. Como homem que era de muita classe, insurgia-se contra os desatinos da Commission d'Expansion Économique du Brésil, com sede em Paris, e que inutilmente gastava rios de dinheiro com o propósito de aumentar na Europa o consumo de produtos brasileiros. Foi o caso do postal destinado aos franceses que era uma "Fantaisie sur les lettres C-A-F-E-P-U-R-E-D-U-B-B-R-E-S-I-L." E mais o caso tão eminentemente ingênuo do postal que serviria para vender mais café do Brasil em Espanha, com estas linhas de mau gosto:

"Español, bebe café,
 Prefièrello à toda cosa,
 Es bebida deliciosa,
 pùès da valor e da fé.
 Pero, español, te aseguro,
 que entre outros cafés mil
 Solo existe un café puro
 Es el *café* del Brasil".

Só faltavam as castanholas e o olé.

O caso de Oliveira Lima pode dizer-se que o devemos ao partidarismo que mostrou na campanha civilista. Como Oliveira Lima se exprimiu no momento de luta, "Tencionava regressar a Bruxelas . . . depois de passar um mês em Pernambuco, mas a eleição do Rui obriga-me a protelar a viagem. Eu acompanho-o com todos meus votos, por patriotismo e admiração pessoal, . . . mas tenho certeza que essa eleição está gorada porque não ha civilização bastante (não digo civismo, digo civilização) para fazê-la triunfar. Bem sei que a minha atitude poderá, talvez, ser o fim da minha carreira diplomatica, mas não antepoño os meus interesses aos da Nação e por isso mantenho-me ao seu lado, sejam quais forem as consequencias". (A) Se Rui tivesse ganho, o novo ministro das relações exteriores teria sido o Dr. Manuel de Oliveira Lima, então na flor dos seus 43 anos de idade. Num roda de íntimos do Rui, no decorrer de uma conversa geral, pergunta Godfredo d'Escragnolle Taunay ao anfitrião: "eleito o homem, terá a felicidade, não? de chamar para o ministerio do exterior o meu candidato", isto é, Oliveira Lima? Responde-lhe com sorriso significativo, "Dizem e asseveram as más línguas que assim será" (2404).

Na viagem que o Marechal Hermes da Fonseca fez à Europa logo depois da sua eleição, mas antes de tomar posse da presidência, Oliveira Lima e ele andaram aos desencontros em Bruxelas, o Ministro do Brasil acintosamente insistin-

do no cumprimento das fórmulas protocolares. No almoço que Oliveira Lima lhe ofereceu, o Ministro brindou à saúde, não do próximo presidente da república, mas de Madame Hermes. O presidente-eleito à saúde de D. Flora (2496). Era tanta a má-vontade entre os dois homens que Oliveira Lima não quis homenagear o hóspede que meses depois ficaria empossado no mais alto cargo da nação. O Marechal nunca perdoou o seu partidarismo, e estranhou-a na sua carta de Bruxelas de 21 de Junho de 1910 (2513).

"Agradecendo a V. Exc. a missiva com a qual me dignou honrar-me, dando os motivos que o impediram de achar-se na estação à minha chegada a esta cidade, lamento que entre esses esteja aquelle que, pela vontade da maioria dos brasileiros, designou-me para dirigir os destinos da Pátria no proximo quatrienio. A ninguem solicitei tão grande honra. Agradeço a V. Ex. os offercimentos que me faz, mesmo porque, simples cidadão e soldado, não me julgo ainda o Presidente, isto é com direito às homenagens que naturalmente são dispensadas a quem obtém tão alta prova de confiança".

Já dizia o Barão que só safa do Ministério para o cemitério. Quando isso aconteceu, estava Oliveira Lima no seu posto de Bruxelas. Aproveitou-se da morte do Rio Branco em 1912 para lhe traçar o perfil nas colunas da *L'Indépendance Belge* que a 14 de Março desse ano apareceu em português no *Estado de S. Paulo*. Chamou ao falecido chanceler "uma das personalidades mais notáveis" do Brasil e das duas Américas. Encareceu a obra "duradoura que occupou toda a sua vida e que foi a fixação dos limites do imenso país que é o Brasil" "Nada . . . resta a fazer nesta ordem de idéas, e o barão do Rio Branco pode morrer com a consciencia de haver internacionalmente acabado de constituir o enorme paiz, cuja unidade nacional é obra dos conquistadores portuguezes e da monarchia brasileira". Fala depois da falta de cordialidade que entre eles existia, das qualidades do Barão, do desinteresse dele pelas coisas literárias e artísticas, da sua absorpção nos negócios públicos, o seu dom da polémica, a sua falta de sentimentalismos e de compaixão, o seu narcisismo, do seu arraigado patriotismo, da sua competência innegável, da popularidade que cultivava e prezava. O pequeno perfil resultara exacto. De Bruxelas dizia a Aluísio de Azevedo, seu colega da Academia e cônsul em Buenos Aires, em carta do primeiro de Maio de 1912, que se sentia satisfeito pelo acolhimento. O facto de ter acertado provava apenas, como ele se expressou a Aluísio de Azevedo, "q não é a estima o melhor lapis ou pincel".

O Barão do Rio Branco sobreviveu à eleição do "homem mais nullo", como lhe chamou certa vez o Godfredo d' Escragnolle Taunay, "mais desorientado, mais ventoinha á mercê de conselhos e incitamentos do que elle, na dura emergencia", (2454) mas Oliveira Lima não. O fim da carreira foi particularmente pe-

nosa, penosa para ele e para a nação que se viu privada da sua colaboração. Em *O Jornal* de 17 de Abril de 1928, Assis Chateaubriand, pernambucano como ele e admirador incontestável do grande brasileiro, deixou patente quanto o desmoralizou o ocaso do eminente amigo. "Afrontando regulamentos e mais Rio Branco, Nilo Peçanha, Hermes e Pinheiro Machado, isto é, todas as forças políticas e administrativas dominantes de então, Oliveira Lima, que tinha uma opinião, fez questão de dizê-la. E disse-a publicamente, em artigos de jornalista, pelas colunas de *O Estado de S. Paulo*, órgão na terra paulista da causa do civilismo".

Quando o presidente da República propôs a nomeação de Oliveira Lima para chefe da missão diplomática em Londres, Pinheiro Machado, o gaúcho maldoso, prevalecendo-se das supostas simpatias de Oliveira Lima pelo sistema monárquico, influenciou os colegas do Senado e a nomeação não teve andamento.

"E assim foi escorraçado [nas palavras de Assis Chateaubriand] do corpo diplomático (como vaticinára) o Príncipe dos nossos Embaixadores, na frase de Rui Barbosa". Pinheiro Machado foi assassinado por Manso Paiva no saguão do Hotel dos Estrangeiros do Rio de Janeiro em 8 de Setembro de 1915, mas a carreira brilhante de Oliveira Lima, tão tragicamente cortada, nunca mais se levantou.

O que fica por dizer é a fase americana de Oliveira Lima (e também a última fase pernambucana). O seu refúgio da Rua 13 de Washington, onde o grande quadro de "Frinéia" dominava a casa de jantar. O transporte dos seus livros de Londres, Bruxelas e Lisboa, à custa da Universidade Católica da América, para um dos prédios da cidade universitária. A sua magnífica livraria, paciente-mente coleccionada através de toda uma vida. A sua mania dos livros que Eduardo Prado já lhe apontara em 1887 — Oliveira Lima tinha então os seus 20 anos incompletos — "V. . . . é um bibliómano e um litterato . . ." (218) A inauguração da Biblioteca Oliveira Lima em 1924, aniversário de Camões. As aulas da Universidade. O semestre das suas obrigações docentes na Harvard, como antes salientei, e as agruras daquele inverno em Boston. Os livros sobre a história do império para a Companhia Melhoramentos de S. Paulo. O passeio à Alemanha à procura de saúde — a receita que os médicos lhe teriam dado, de fumar charutos e beber vinho, deve ser apócrifa. A estadia em Lisboa, para se despedir das cenas da sua mocidade. E finalmente as *Memórias*, essas suas memórias, incompletas, inacabadas, testemunhas de uma vida que hoje diríamos moderna.

Oliveira Lima quis que o enterrassem em campa rasa, no Cemitério do Monte Olivete em Washington, que hoje ostenta uma lápide de granito pernambucano, a cobrir-lhe a sepultura, que amigos da sua terra para lá mandaram, em preito de homenagem póstuma, uma lápide sem nome, sem nada que assi-

nalasse as realizações de uma vida, apenas com as palavras que ele mais estimava, "Aqui jaz um amigo dos livros".

O epitáfio poderia ter sido as palavras de Austregésilo, proferidas na Câmara dos Deputados em 1928:

"Oliveira Lima foi um lidimo pernambucano, um brasileiro, um ilustre apaixonado sul-americano, enfim, um grande homem".